

Cartas dos leitores

HISTÓRIA DA ARTE

"Foi com grande surpresa que li a nota **Percalços no Parque**, publicada dia 3 na coluna **Zózimo**. Falou-se ali do "ambiente conturbado do antigo Instituto de Belas Artes, atual School of Visual Arts".

O Instituto de Belas Artes foi criado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro como um estabelecimento para ministrar cursos monográficos. Em 1963, pelo decreto-lei 1526, foi reestruturado. A reestruturação criou o curso superior de História da Arte, que funcionaria em nível superior e com um exame vestibular para a admissão de seus alunos. Os outros cursos (Artes Decorativas, Desenhos de Arquitetura, etc), teriam nível apenas profissionalizante. O decreto falava ainda dos cursos livres de pintura, gravura, escultura e outros, que nada exigem de quem neles quiser ingressar.

Com o passar dos anos, o curso superior de História da Arte foi se aperfeiçoando, aumentando seu quadro de professores e de matérias, até chegar ao que é hoje: um dos únicos cursos em nosso país para a formação específica de pesquisadores, historiadores e críticos de arte. É um curso sobretudo teórico, mas no qual os alunos têm cadeiras especiais para a manipulação de materiais expressivos. Não estudamos, porém, em cavaletes com **foulards** e boina.

Quando digo que o curso é sobretudo teórico é porque nos dirigimos para um mercado de trabalho que lida com a obra de arte mas não a cria necessariamente. Nós nos encaminhamos para órgão como o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e outras instituições que existem para a preservação de nossa História.

Quero esclarecer, ainda, que não está havendo nenhum movimento de contestação. O que estamos fazendo é encaminhar aos órgãos competentes o pedido de reconhecimento do curso superior de História da Arte — só desse curso e não do antigo IBA. Acreditamos que não haja incompatibilidade nenhuma entre a continuação de um curso desse gabarito e a nova "filosofia" que está sendo introduzida na escola.

Lutamos por uma visão moderna da arte. A vanguarda é a nossa realidade, é a mensagem do artista de nossos dias. Nunca fomos contra ela, mas não negamos, no entanto, os nossos antepassados. Acreditamos que um lastro teórico possa nos ajudar a empreender nossa profissão com inteligência, realismo e, sobretudo, mais consciência profissional.

Se existe atualmente "uma parcela descontente" no curso superior de História da Arte é simplesmente porque as inscrições para o vestibular do próximo ano não foram abertas e, segundo o que está sendo informado às pessoas interessadas, dificilmente o serão. Ora, da mesma forma como foi uma lei que criou o nosso curso, somente uma lei poderá extingui-lo. Pelo que nos consta, essa lei não foi proposta, não havendo portanto, justificativa para o não oferecimento do vestibular.

Outra ressalva a fazer diz respeito à utilização das "aulas para preencher o ócio com a indispensável dignidade". Uma visita à Escola de Artes Visuais constataria o tipo de trabalho que realizamos. Há um sem número de exemplares dele, arquivados na biblioteca, à disposição de consultas dos interessados. Além do mais, a maior parte dos alunos do curso superior de História da Arte se dedica a outras atividades, paralelas ao curso como, por exemplo, estágios em diversos órgãos, magistério, coordenação de escolas, etc. Dificilmente a palavra **ócio** se aplicaria a um quadro de tão grande número de atividades.

Quanto à faixa etária que frequenta o curso, poderíamos dizer que não difere em nada do observado em outras faculdades espalhadas pelo Rio, onde há alunos "dos 18 aos 80."

Maria Christina Scarabóto, aluna do 3º ano do curso superior de História da Arte, Rio."

As cartas dos leitores serão publicadas só quando trouxerem assinatura, nome completo e legível e endereço. Todos esses dados serão devidamente verificados.